

## SIMPÓSIO AT110

### DISCURSIVIDADES SOBRE O 'ELDORADO' NA AMAZÔNIA NORTE MATO-GROSSENSE: UM OLHAR SOBRE O 'PLANTADOR DE CIDADES'

WARMLING, Keila Rejane.  
Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT/Cáceres)  
keilawarmling@hotmail.com

**Resumo:** A partir da década de 1970, surgiu um estímulo crescente à colonização da Amazônia Legal norte Mato-grossense que até então era tida enquanto uma região distante e inacessível, comumente sendo significada como *espaços vazios*. Nesse período, algumas propostas governamentais, tais como o PIN (Plano de Integração Nacional) ao lado de Incentivos Fiscais fornecidos pelo Governo Federal e dos Projetos de Colonização foram relevantes ao processo de (re)ocupação da Amazônia. Destacamos ainda, a presença marcante do discurso jornalístico que circulou nesse período, significando a Amazônia como lugar ideal para abrigar os migrantes, ou seja, o *Eldorado de terras férteis* que levaria ao enriquecimento daqueles que desejassem migrar. Para tanto, a partir dos relatos que circularam nesse período de (re)ocupação da Amazônia norte Mato-grossense, mais especificamente, àqueles referentes a cidade de Sinop-MT, objetivamos compreender, pela teoria materialista da Análise de Discurso, como a mídia jornalística produziu sentidos para este espaço. Assim, refletimos sobre o funcionamento de alguns epítetos e sua relação com a *memória* e o *silêncio*. Nosso material de análise é constituído por relatos jornalísticos que circularam em jornais Mato-grossenses e Paranaenses nas décadas de 70/80, em que buscamos pensar os epítetos enquanto pré-construídos que faziam significar a cidade e o colonizador, apontando para a relação estabelecida com outros acontecimentos históricos, tais como o Bandeirismo que permeou o século XVII e a própria memória de Colonização do Brasil.

**Palavras-chave:** Memória Discursiva; Ideologia; Silenciamento; Colonização.

**Abstract:** From the 1970s onwards, a growing stimulus emerged for the colonization of the Legal Amazon north of Mato Grosso that until then was considered as a distant and inaccessible region, commonly being signified as *empty spaces*. In this period, some governmental proposals, such as the National Integration Plan (NIP) along with Tax Incentives provided by the Federal Government and the Colonization Projects, were relevant to the (re) occupation of Amazonia. We also highlight the presence of the journalistic discourse that circulated during this period, meaning the Amazon as an ideal place to shelter the migrants, that is, the *Eldorado of fertile lands* that would lead to the enrichment of those who wish to migrate. Therefore, from the reports that

circulated in this period of (re) occupation of the North Amazon region of Mato Grosso, more specifically, those referring to the city of Sinop-MT, we aim to understand, by the materialist theory of Discourse Analysis, how the journalistic media produced meanings for this space. Thus, we reflect on the functioning of some epithets and their relationship with *memory* and *silence*. Our analysis material consists of journalistic reports that circulated in newspapers Mato-grossenses and Paranaenses in the 70's and 80's, in which we tried to think of the epithets as pre-constructed that meant the city and the colonizer, pointing to the relationship established with other historical events, such as the Bandeirismo that permeated the seventeenth century and the very memory of Colonization of Brazil.

**Keywords:** Discursive Memory; Ideology; Silencing; Colonization.

## Introdução

Refletir a palavra discurso é pensar, inevitavelmente, em política, em discurso político, e nesse sentido não há como fugir à exigência de se situar em um campo de debate que envolve as condições de produção e as relações existentes entre o discurso e a ideologia. Nessa direção, a Análise de Discurso se apresenta como relevante às reflexões que nos causavam inquietação diante da significação.

Nosso interesse em analisar materialidades sobre a cidade de Sinop se deu pelo desassossego em relação à forma homogeneizante e utópica de se dizer sobre esta cidade, ou seja, o assujeitamento ao sentido único e autoritariamente definido. Ao concebemos a linguagem não mais como um sistema de regras formais, mas, sobretudo, como movente e instável, encontramos, na Análise de Discurso, respostas [também moventes e instáveis] a nossos anseios sobre a significação dessa cidade na mídia.

Assim, buscaremos na compreensão do político, do histórico e do ideológico pensar os sentidos produzidos no espaço discursivo norte Mato-grossense, mais especificamente, àqueles circulados a partir do discurso midiático impresso e que dizem respeito ao migrante-colonizador.

### 1. Discurso e memória: a (re)produção do espaço Sinopense

Ao propormos analisar as discursividades sobre Sinop pela teoria da Análise de Discurso (AD), conforme propagada pelos intelectuais franceses da segunda metade do século XX, pretendemos compreender o processo de

produção dos sentidos que foram construídos nesse espaço discursivo norte Mato-Grossense – de floresta densa – mais especificamente onde fora implantado pela colonizadora Sinop S/A, o projeto Núcleo Colonial Celeste (Gleba Celeste), da qual se originou a cidade de Sinop.

Assim, procuraremos, a partir dos recortes de jornais/revistas, observar como os discursos foram produzidos nos primeiros anos de existência dessa cidade, uma vez que havia necessidade de divulgação da mesma, já que o objetivo, tanto da colonizadora privada – a Sinop S/A – quanto do Estado, era o de atrair migrantes de outras regiões brasileiras para povoar o norte Mato-Grossense, que até então era significado como *espaços vazios*.

A cidade de Sinop configura-se discursivamente como espaço de materialização de um discurso desenvolvimentista, pelo efeito de Progresso e Trabalho a que o projeto colonizador da Sinop S/A foi compreendido, logo, no interior de uma formação social mais ampla – a capitalista.

Pensando nessa direção, destacamos a importância da ideologia enquanto responsável por produzir os efeitos de evidência e de unidade, naturalizando os sentidos. Assim, utilizando-se do já dito e apagando a história, os sentidos vão se instalando na sociedade e vão sendo percebidos, e apropriados em dizeres no intradiscurso, como naturais. Nesse aspecto, vale destacar que o discurso circulado pela mídia impressa (que tinha como finalidade dizer sobre a cidade de Sinop em seus anos iniciais) se deu, em grande parte, através de uma discursividade romantizada do espaço, por meio de um discurso idealista, que ora se apresentava como do lugar do utópico/ufanista e ora do lugar do heroico.

A Amazônia, por exemplo, região na qual os projetos de colonização estavam se efetivando – era tomada pelo discurso jornalístico enquanto lugar inóspito e selvagem, conforme já discursivizado na literatura ficcional de Alberto Rangel, em sua obra intitulada *Inferno Verde* (1908). Essas representações imaginárias construídas para a Amazônia, no entanto, contribuíram para enaltecer a imagem do colonizador enquanto o *braço forte*,

aquele capaz de superar/controlar as adversidades do meio e domar/dominar a natureza. A metáfora da cidade *plantada* ao invés de *fundada* ou colonizada aponta para um discurso naturalista da colonização, ao lado de epítetos, cujas formulações engrandeciam ainda mais os sentidos para Sinop: *Gleba Celeste: o Eldorado na Amazônia*, *Sinop: Epopeia na Selva*, ou ainda *Sinop: Metrópole na Selva*.

Assim, ao propormos discutir os conceitos de memória discursiva partimos do pressuposto defendido pela Análise do Discurso, corrente à qual nos filiamos – de que toda produção discursiva consiste num trabalho de (re)produção e (re)atualização de dizeres, tendo em vista que o sujeito não é dono do seu dizer e que o sentido é um sempre já-lá. Nessa direção, compreendemos que todo discurso (re)surge a partir de dizeres, formulações materializadas em um contexto linguístico/enunciativo/histórico, cuja espessura, exterior, histórica, mobiliza-se nos entornos da memória.

## **2. Gleba celeste: discursividades sobre o Eldorado na Amazônia**

Nas reportagens jornalísticas impressas que tomamos como material de linguagem a ser analisada neste trabalho, a natureza é representada como lugar selvagem, como floresta bravia a ser conquistada pelo homem. E nessa conjuntura surge a imagem do *bandeirante moderno*. Dizer desse bandeirante, portanto, significava atribuir a ele características de herói, de homem honesto e experiente, uma vez que ele seria o responsável pela conquista da Amazônia, fundando cidades e trazendo o Progresso, o que implicava em dizer também sobre esse espaço como um lugar que precisava ser desbravado/domado.

Falar da cidade de Sinop, portanto, requer pensá-la enquanto parte constituinte desse projeto maior que consiste na almejada integração da Amazônia à economia Nacional – interesse tanto do Estado quanto dos grandes empresários sulistas (proprietários das colonizadoras privadas). Desse modo, a cidade precisava ser mostrada, propagada, divulgada, visibilizada, e isso se deu de forma bastante intensa pelos jornais impressos da época. Atentamo-nos, porém, para o fato de que isso aconteceu muitas vezes de

forma contraditória. Dizer da Amazônia enquanto lugar ideal para o migrante implicava em convencê-lo por meio do discurso de terras férteis, riqueza da fauna, exuberância da flora, além de mencionar sobre a infraestrutura (pista de pouso para aviões de pequeno porte, escolas, comércios, postos de saúde) e apoio técnico fornecido pela Colonizadora SINOP. Por outro lado, esse discurso era negado quando se tentava evidenciar a coragem, a audácia, o heroísmo e o pioneirismo dos colonizadores, pois nesse caso, a Amazônia continuava sendo descrita como um lugar selvagem e de difícil acesso.

Nessa direção, nossas reflexões se fundamentam em uma esfera que entende a mídia como uma instância ideológica. Ela é o lugar da representação de dizeres já constituídos/ de sentidos já postos. Entendemos então, a partir de Orlandi (2001) que devemos silenciar para ouvir, na condição de produção do que é dito, o que não está materializado, mas existe no discurso e produz sentidos. Assim, observamos nos gestos de leitura sobre os relatos da colonização de Sinop, sentidos que se apagam e sentidos que se repetem/ que se cristalizam.

### 3. Des(a)fiando o Corpus: o plantador de cidades

Nesse item dedicamo-nos à reflexão da imagem construída pelo discurso jornalístico impresso na década de 70, como caracterização do colonizador. Nesse sentido, Volpato (1987) nos aponta para o *mito da raça de gigantes*, em que de selvagens e sanguinários, passa-se à imagem de um povo revolucionário e patriota. Vejamos algumas definições trazidas pelos jornais da década de 70 que referem ao colonizador:

*(01) O Sr. Ênio Pipino, com o mesmo arrojo dos bandeirantes do século XVIII que perlustraram as florestas bravias do Mato Grosso, hoje realiza a conquista profetizada por Rondon, em 1915. No espaço de dois anos, após a inauguração da cidade Vera, a 27 de julho de 1972, Ênio Pipino fez inaugurar no dia 14 do corrente a cidade de SINOP a 500 quilômetros de Cuiabá. [...] Ênio Pipino não escreve história. Faz a história. Escrever história é relatar os fatos realizados; fazer história é fundar cidades, contribuindo assim para o*

*crescimento do Brasil. A Ênio Pipino se ajustam perfeitamente aqueles versos de OLAVO BILAC, no seu poema dedicado a FERNÃO DIAS PAES LEME, “O CAÇADOR DE ESMERALDAS”: “Violador de sertões, plantador de cidades/Dentro do coração da pátria viverás!” (Correio da Imprensa, Cuiabá, 22 de Setembro de 1974).*

*(02) Enio Pipino é um homem que tem a mania de colonizar. Aqui no Paraná colonizou 125 mil alqueires de terras, onde hoje se despontam cidades importantíssimas, caso de Terra Rica, Iporã, Ubiratã e Formosa do Oeste. E logo que seu trabalho foi completado por aqui, Ênio Pipino resolveu iniciar a sua marcha para o oeste. Cruzou a fronteira e começou a abrir áreas ainda inexploradas no Estado de Mato Grosso. [...] Muitos chegaram a duvidar da experiência do velho pioneiro mas hoje, apenas dois anos depois, as incertezas caíram por terra [...] (Diário de Cuiabá – 13 set/74).*

*(03) Ênio Pipino – incansável desbravador de sertões no Paraná e Mato Grosso, vocacionalmente um pioneiro de corajosas empreitadas [...] (Revista O Cruzeiro – 23 out/74).*

Assim, o jornalismo impresso adotou de maneira idealista os discursos governamentais, colocando-se enquanto propagador da ideologia dominante, e conseqüentemente apagando a história de conflitos existentes na classe operária.

Pensando na construção imaginária do migrante enquanto responsável pelo desenvolvimento do país, e tomando como ponto o fato de que a conquista do território norte Mato-Grossense se deu através de um ‘trabalho árduo’, realizado por ‘homens destemidos’, ‘fortes’, ‘corajosos’, passamos a refletir, então, qual seria, dentro desse discurso desenvolvimentista-heroico, o lugar ocupado por aqueles que não conseguiram prosperar? Nesse sentido, trazemos para a compreensão, um recorte da reportagem intitulada *Os Pioneiros Apostaram no Progresso. E Acertaram* que circulou na *Revista Sinop Especial: Uma Metrópole na Selva*, em dezembro de 1983, e que diz respeito ao destino dos migrantes:

*(04) Muitos desistiram logo no início, outros tombaram vítimas de acidentes, da malária, de outras doenças, alguns não souberam lutar ou não tiveram sorte, mas os que conseguiram vencer estão felizes e já tem até algumas estórias para contar aos netos*

De acordo com Orlandi:

Do ponto de vista discursivo, há um percurso social, historicamente constituído, da significação em que está inscrita a relação entre os diferentes lugares sociais da interlocução com seus poderes de significação desiguais, projetados no discurso. (ORLANDI, 2004, p. 59)

Desse modo, entendemos que o lugar social ocupado pela mídia jornalística da década de 70, era o de propagar enfaticamente a coragem e a audácia dos migrantes. Desse modo, as dificuldades que levaram ao insucesso de alguns pioneiros eram mostradas como inerentes a eles mesmos, sendo de antemão sujeitos fracassados. O sentimento de ‘culpa’ construído pelos efeitos de sentidos dessa inerência/naturalização, o peso de não-prosperar recaía sobre o próprio sujeito migrante.

No que diz respeito ao colonizador Ênio Pipino (proprietário da colonizadora privada que fundou a cidade de Sinop) ressaltamos o efeito contraditório presente nos relatos, uma vez que as mesmas propagandas que mostravam o colonizador a partir de uma formação discursiva capitalista, também o inseriam em uma formação discursiva naturalista. Vejamos alguns epítetos que designaram Ênio:

*Violador dos sertões; um novo Rondon; homem que tem mania de colonizar; desbravador de sertões no Paraná.*

Ou como:

*Plantador de cidades; sementeiro de cidades; pioneiro de corajosas empreitadas; homem patriota.*

Assim, entendemos que a formação discursiva capitalista, na qual a mídia jornalística se pauta para (re)produzir seus dizeres e cristalizar

determinados sentidos, encontrava-se atravessada por discursos naturalistas. Isso se justifica pela incompletude da linguagem, ao permitir que os traços da memória histórica materializem-se na língua como efeitos de sentido que, no momento da formulação, dada as condições de produção – o contexto imediato e o contexto sócio-histórico – são colocados em funcionamento. Assim, os sujeitos se (re)fazem e se significam no ato da enunciação, e estão sujeitos à falha, ao equívoco.

## Referências

ORLANDI, Eni P. *Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos Sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_. *Cidade dos Sentidos*. Campinas, Pontes, 2004.

RANGEL, Alberto. *Inferno Verde*. 6 ed. Manaus: Editora Valer, 2008.

VOLPATO, Luiza Rios Ricci. *A Conquista da Terra no Universo da Pobreza: Formação da Fronteira Oeste no Brasil*. São Paulo: HUCITEC, 1987.